

## **CLUBE DA LUTA: NOTAS SOBRE O TRIBALISMO CONTEMPORÂNEO**

Welkson Pires da Silva\*

*Redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade, que pode não ter as mesmas qualidades daquela da Idade Média, mas que nem por isso deixa de ser uma comunidade.*<sup>1</sup>

(Michel Maffesoli)

**RESUMO:** A proposta deste ensaio é colaborar com a discussão, já corrente no âmbito das ciências sociais, sobre o processo de *neotribalização* que tem atravessado a sociedade contemporânea. Nesse contexto, o *indivíduo* será considerado em sua *orientação ao outro*, onde o *sensível* coloca-se como substrato das relações sociais. Situaremos a discussão no pólo midiático, pois acreditamos ser esse um caminho privilegiado à compreensão do que de fato está acontecendo em determinada sociedade em dado momento. Assim sendo, tomamos como objeto de análise o filme *Clube da Luta*, tendo em vista que sua abordagem contextual do indivíduo hodierno se mostra coerente com a tendência tribal que encontramos na atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neotribalismo. Indivíduo. Clube da Luta.

O que fazer quando o vazio se irradia? A tendência é buscar coisas que possam preenchê-lo. O indivíduo moderno achou na exterioridade (consumo) o caminho para suprir sua incessante vontade de *ser-existir* (interior). No entanto, será que ele se sente completo? A sociedade contemporânea exige constantemente dele a reafirmação de sua *individualidade*, ou seja, dever ser *diferente* dos demais. Tarefa praticamente impossível, tendo em vista que as estratégias de vida e os símbolos oferecidos em sua execução são extremamente comuns a todos. Isso resulta em um círculo vicioso: o sujeito consome obsessivamente, no entanto não se sente saciado, não concluiu sua empreitada. Daí a *vertigem*. Se o mundo exterior não foi capaz de lhe conduzir à constituição do seu “eu”, então o caminho oposto mostra-se como a única alternativa possível. Ou seja, o indivíduo aprofundou-se no interior de si mesmo. Lá se depara com a turbulência dos sentimentos, com as incertezas das emoções, com o que há de mais primitivo, animalesco. É disso que trata o *Clube da Luta*.

---

\* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

<sup>1</sup> MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 140.

Quando teve sua estréia em 1999, esse filme causou grande polêmica, sendo constantemente acusado de apologia a violência. No entanto, o essencial deixou de ser percebido. Clube da Luta carregava em seu bojo uma reflexão sobre a condição do indivíduo na sociedade capitalista (consumista). Crise existencial, solidão e o aprisionamento no sistema tornaram-se o foco da problematização, cuja resolução encontrava-se no âmago da própria sociedade, a saber, o simples *estar-junto*. O filme evidenciava, mesmo que de forma indireta, uma tendência que se verificava no complexo social: a *neotribalização*. Sobre isso, Maffesoli (2006: 11) nos esclarece que, frente à anemia existencial provocada por um social racionalizado em demasia, “as tribos urbanas salientam a urgência de uma socialidade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos. [...] O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social”. Entretanto, importa perceber que não se trata de uma forma de agregação definitiva a um bando, pelo contrário, trata-se antes de um “ir-e-vir”, ou seja, ao contrário do que ocorria no tribalismo clássico, o neotribalismo tem como característica básica a fluidez, os ajustamentos pontuais e a dispersão. Apesar de frágeis, esses agrupamentos, no momento em que se dão, estão atravessados por um forte envolvimento emocional (animal).

É justamente a predominância do societário (sensível) sobre o individual (racional) que dá alicerce ao Clube da Luta. Mesmo sendo uma obra ficcional – e em muitos quesitos não passa disso –, mantém uma forte ancoragem na realidade hodierna. Destarte, esse filme mostra-se bastante adequado para tratar da questão neotribal. Sobre a análise midiática como postura metodológica ao conhecimento do complexo social, Kellner (2001: 143) nos afirma que “devido à proximidade que mantêm com as condições sociais em que surgiram, os textos populares da mídia constituem um acesso privilegiado às realidades sociais de sua era; assim, a sua interpretação possibilita a compreensão daquilo que está de fato acontecendo em determinada sociedade em dado momento”. Seguindo esse raciocínio, nos ateremos ao exame pormenorizado dessa obra cinematográfica, fazendo pontuações que nos levem a uma maior compreensão do processo de *tribalização* pelo qual a sociedade tem passado. É importante destacar nesse momento um pequeno parêntese: não estamos afirmando que a individualidade esteja morta, ou em vias de extinção, mas que ela perdeu força em vista de uma tendência tribal que tem se mostrado cada dia mais presente. Ou seja,

Mesmo que ela [a individualidade] continue a funcionar, seu efeito de rolo compressor não tem mais a mesma eficácia. Assim, para apreender o *sentimento e a experiência partilhados* que encontramos em numerosas

situações e atitudes sociais, é conveniente partir de outro ângulo de abordagem. O da estética me parece o menos ruim. Entendo o termo estético de maneira etimológica, como a faculdade comum de sentir, de experimentar. [...] Não podemos deixar de assinalar a eflorescência e a efervescência do neotribalismo que, sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente (MAFFESOLI, 2006: 130).

Para nos situarmos melhor no enredo do Clube da Luta, faz-se necessária uma breve sinopse. Basicamente, o filme tece uma trama em torno dos conflitos existenciais de um personagem, “Jack”, que se encontrava preso às entranhas do sistema capitalista. Executivo de uma grande empresa automobilística, ele vivia constantemente viajando. Tudo era programado, tudo ao seu redor era racionalmente projetado: “onde quer que eu vá... que vidinha! Saquinho de açúcar descartável, copinho com creme descartável, potinho de manteiga descartável [...]. As pessoas que conheço em cada vôo são amigos descartáveis. Entre a decolagem e o pouso passamos um tempo juntos. É tudo que temos” – nos informa Jack. Essa realidade se mostrava solitária, sem vitalidade.

Para tentar suprir a sensação de vazio, Jack envereda pelos caminhos do consumo. Em suas próprias palavras: “como muitos outros, eu me tornei escravo do instinto de conforto [...]. Eu vasculhava os catálogos e me perguntava: ‘Que tipo de aparelho de jantar me define como pessoa?’”. Distinguir-se, ou seja, ser alguém era o que ele almejava. Todavia, nunca chegava à satisfação, pelo menos não de forma duradoura. O sucesso, aqui entendido como reconhecimento, é algo que não se firmava (efêmero). Isso nos lembra a seguinte constatação de Bauman (2007: 35): “Novos símbolos de distinção em oferta prometem conduzi-lo ao seu objetivo e convencer todos os que você encontra na rua ou visitam sua casa de que você de fato chegou lá – mas também invalidam instantaneamente os símbolos que prometiam fazer o mesmo por você um mês ou um dia antes”. O efeito: dependência e, conseqüentemente, sofrimento pela constante insatisfação. Tudo isso se materializava em Jack através de insônia crônica – falta de sono, de sonhos, de esperança.

Essa situação muda radicalmente quando aparece Tyler Durden. Esse personagem existia apenas na cabeça de Jack, na realidade, ele lhe era a representação de si próprio (alter ego), ou melhor, da sua força animal interior. Jack vivia diariamente esses dois lados, às vezes simultaneamente. De maneira lúdica, era como se Tyler fosse seu amigo imaginário, sendo através dessa interação que Jack dá uma tonalidade nova a sua vida. “Não queira ser completo. Pare que querer ser perfeito. Nós temos que evoluir. Deixe as coisas serem como são”, propõe Tyler a Jack. A forma que ambos encontraram para superar os padrões impostos

pelo social foi através da descarga violenta dos seus instintos primitivos. Surge a partir daqui o Clube da Luta, cujos ideais motivaram diversos outros indivíduos que se identificaram com ele. Isso se materializava nas lutas. “Aos poucos descobríamos que não estávamos sós”, diz Jack. Sós em relação aos sentimentos, à vontade de liberdade. Percebemos aqui a formação de um *elo*, um *lugar* partilhado por todos os membros desse grupo: o descontentamento frente à hegemonia capitalista. A raiva foi canalizada em explosões violentas de luta, que tinham sempre data e hora marcada.

Sejam quais forem as expressões com que isso é dito – *carpe diem, no future* –, o que efetivamente está em questão é usufruir, da melhor maneira e tanto quanto possível, de um mundo que se dá a ver e que se dá a viver. A projeção no futuro já não faz grande sentido, o trabalho é relativizado por múltiplos outros centros de interesse, e o quantitativo cede lugar, cada vez mais, ao qualitativo e ao desejo da maioria de fazer de sua vida uma obra de arte (MAFFESOLI, 2004: 83).

As lutas podem ser entendidas aqui como uma metáfora. Elas eram algo como ritos de passagem, que dotavam os sujeitos que delas participavam de um revigoramento, resgatando-os da morte em vida a qual estavam encerrados. Comprovamos isso na seguinte afirmação de Jack: “Você não se sentia vivo daquela maneira em nenhum outro lugar”. Esse era um ambiente onde os empregos não tinham mais tanta importância, onde os cuidados com o corpo já não eram essenciais, aqui as rotinas foram esfaceladas. As escoriações e cicatrizes conotavam a liberdade atingida em relação ao padrão dominante. No Clube da Luta não existiam “heróis” infalíveis que subtraíssem o imperativo da experimentação vital – Gandhi e Lincoln são algumas figuras aqui ironizadas. Jack e Tyler não podem ser considerados líderes do grupo, muito menos figuras heróicas que conduzem a salvação. Eles são apenas o resultado de um processo, no qual todos estavam envolvidos. É por isso que Tyler diz a Jack: “isso não nos pertence, não somos especiais”. Esses eventos nos apontavam para o fato de que o *establishment*, que recalcava os sujeitos no processo civilizatório<sup>2</sup> (ética, etiqueta, educação...), é paulatinamente desestruturado – “rejeite a civilização”, pregava Tyler.

Valendo-nos do paralelo entre “tipo-igreja” e “tipo-seita” apontado por Maffesoli (2006), podemos dizer que o Clube da Luta se encaixa no segundo, cujas características primordiais são a força sempre renovada do estar-junto e a relativização do futuro em prol da supervalorização do presente. Isso nos leva as seguintes consequências organizacionais: “a seita é, antes de tudo, uma *comunidade local* que se vê como tal, e que não tem necessidade

---

<sup>2</sup> Cf. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.

de uma organização institucional visível. Para essa comunidade basta o sentimento de que faz parte da comunhão invisível dos crentes” (p. 144). Outro aspecto diferenciador entre “tipo-igreja” e “tipo-seita” é que neste último “podem existir chefes carismáticos e gurus, mas o fato de seus poderes não se apoiarem em uma competência racional (saber teológico) ou em uma tradição sacerdotal os torna mais frágeis, e não favorece sua inscrição na longa duração. (...) O “tipo-seita” torna cada um responsável por todos e por cada um” (p. 145). Notamos, com isso, a presença de um fator de extrema importância: a *religiosidade*. Esse termo deve ser compreendido no seu sentido mais simples, o de religação (*religare*). Ele é uma parte essencial do tribalismo: “comunidade de idéias, preocupações impessoais, estabilidade da estrutura que supera as particularidades dos indivíduos, eis aí algumas características essenciais do grupo que se fundamenta, antes de tudo, no sentimento partilhado” (p. 138).

Avançando na análise fílmica, notemos que o Clube da Luta, como toda tribo, tem diretrizes a serem observadas. São elas: 1) Não se deve falar a respeito; 2) Não se deve falar a respeito; 3) Se algum dos oponentes gritar “pára”, ou sinalizar, a luta estará terminada; 4) Apenas duas pessoas numa luta; 5) Uma luta de cada vez; 6) Sem camisas. Sem sapatos; 7) As lutas duram o quanto precisar; e 8) Se for um novato, ele terá de lutar em sua primeira reunião grupal. Notemos que a primeira e segunda regra se repetem, mostrando um dado fundamental no que refere a uma formação tribal: o *segredo* é de extrema importância. Isso se deve inicialmente a questão da *proteção* em face do poder exterior, mas também funciona como um *mecanismo de fortalecimento* do grupo. Também podemos encontrar outro traço marcante do tribalismo na oitava regra. Ela evidencia a importância dos *rituais de iniciação*, etapa simbólica que marca a aderência do indivíduo a comunidade. A esse respeito Bauman (2001: 224) nos diz que “como a participação na comunidade não está predeterminada ou institucionalmente assegurada, o ‘batismo do sangue (derramado)’ – uma participação pessoal no crime coletivo – é a única maneira de aderir e a única legitimação da participação contínua”.

Como já foi dito anteriormente, o tribalismo contemporâneo é marcado pela fluidez, tanto no que se refere à falta de um local fixo – no qual se possam assentar raízes –, como também nos laços que o sustenta – ou seja, os indivíduos não são necessariamente fiéis a uma comunidade, eles podem transitar entre várias. “O Clube da Luta só existe entre as horas em que começa e termina. Mesmo que eu pudesse dizer a alguém que teve uma boa luta, não estaria falando com o mesmo homem. Quem você era no Clube da Luta não é quem você era no resto do mundo”, Jack nos esclarece. Bauman se vale da imagem de um *cloakroom* para descrever os traços característicos desse tipo de agrupamento.

Os frequentadores de um espetáculo se vestem *para a ocasião*, obedecendo a um código distinto do que seguem diariamente – o ato que simultaneamente separa a visita como uma “ocasião especial” e faz com que os frequentadores pareçam, enquanto durar o evento, mais uniformes do que na vida fora do teatro. [...] Depois que as cortinas se fecham, porém, os espectadores recolhem seus pertences do *cloakroom* e, ao vestirem suas roupas de rua outra vez, retornam a seus papéis mundanos, ordinários e diferentes (BAUMAN, 2001: 228).

Completando esse raciocínio, encontramos em Maffesoli (2006: 18) uma observação perspicaz: “trata-se de uma *mise en scène* na qual é menos um *indivíduo* racional que age conscientemente do que uma *pessoa* que representa, teatralmente, um papel no quadro de uma teatralidade comunitária”. Isso nos conduz a percepção de um sujeito que se adapta aos contextos. Ou seja, não estamos falando de uma identidade fixa, estável, presa a um grupo determinado, mas maleável de acordo com as circunstâncias<sup>3</sup>.

Notemos que o pensamento maffesoliano conduz-se na diferenciação de dois fluxos que acometem a sociedade, um aparentemente em declínio e outro em ascensão: respectivamente, o *social* e a *socialidade*. O primeiro remete a um indivíduo que ocupa uma posição específica, estando atrelado a um grupo estável, cujo elo é apenas utilitário. O segundo nos conduz a uma concepção de sujeito lúdico, imerso num jogo de máscaras – estamos diante de uma *persona* que muda constantemente de figurino em correlação aos nichos que frequenta (*theatrum mundi*). Existe aqui uma *centralidade subterrânea* que garante a continuação da vida em sociedade: a necessária *orientação para o outro* (tribal, animal...) (MAFFESOLI, 2006).

Como pudemos perceber o Clube da Luta segue uma linha subversiva. É uma espécie de contra-utopia formada por desgovernados, anti-estetas, anarquistas e imorais<sup>4</sup>. Este parece ser o rumo tomado pelo neotribalismo nesse contexto globalizado. Configura-se como um espaço de resistência coletiva às idéias homogeneizantes, às identidades forjadas no consumismo voraz dos dias presentes. Além do mais, a recriação dos símbolos que caracterizam essas tribos renuncia as instituições principais da sociedade – Igreja, Estado, família, etc. Os sujeitos não se sentem mais esperançosos em relação aos dispositivos tradicionais de organização e estruturação social, gerando, com isso, seu deslocamento da

<sup>3</sup> Hall (1999: 13) nos fala que no contexto pós-moderno as identidades convertem-se em uma “celebração móvel”. Segundo esse teórico “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

<sup>4</sup> Segundo Montherlant (*apud* MAFFESOLI, 2006: 162), “é possível dizer que sempre existe ‘uma certa moral dentro da imoralidade... uma certa moral que o clã forjou somente para si mesmo’, e que tem por corolário a indiferença diante da moralidade em geral”.

ordem estabelecida em direção ao estimulante pertencimento tribal, onde estão fortemente identificados.

Antes estávamos apartados um do outro pela sufocante burocracia que nos cercava (aprisionados em funções), os elos que aqui se formavam eram unicamente utilitários, ou seja, esvaziados de sentimento. Daí, encontramos o que Maffesoli considerou um dado fundamental: a importância do simples *estar-junto*. O que implica distanciarmo-nos de uma análise teleológica em relação às tribos. Ou melhor, elas podem ter um objetivo, uma finalidade, no entanto, isso não é o essencial. Era assim que se sentia Jack: “o Clube da Luta não era sobre ganhar ou perder. Não era sobre palavras. (...) Quando a luta acabava não havia resultado. (...) Depois de tudo, todos se sentiam salvos”. Assim chegamos ao que realmente importava para cada um dos membros do clube: a energia empregada para a composição do grupo como tal.

Eis o que me parece estar em jogo para nossas tribos contemporâneas. Pouco lhes importa o objetivo a ser atingido, o projeto, econômico, político, social, a ser realizado. Elas preferem “entrar no” prazer de estar junto, “entrar na” intensidade do momento, “entrar no” gozo deste mundo tal como ele é (MAFFESOLI, 2006: 7).

Para finalizar, retornando ao nosso argumento inicial, o Clube da Luta não é a exacerbação de um dito “culto à violência”. O que é constituído em sua expressividade pode ser percebido como uma contemplação do mundo tal como ele é, resguardada a licença poética ficcional. A violência deve ser percebida aqui no seu sentido figurado. Ou seja, em um mundo onde as regras sociais nos inibem a ponto de configurarem-se como uma “segunda natureza”, é realizando um desejo interior, animal, tribal que encontraremos a liberdade, ou pelo menos um pouco de felicidade, já que isso se tornou praticamente impossível em um “mundo civilizado”.

“Acabamos de experimentar o limite da vida”.  
(Tyler Durden)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CLUBE da luta (*Fight Club*). Direção: David Fincher. 1999. 1 DVD, 139 min, color.

---

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.